

[B]³

Report Anual de ETFs

2025



Sumário

Introdução	3
A Nova Era dos Investimentos no Brasil	3
Visão mercado	5
O que o mercado está falando	6
Bruno Paolinelli	6
Blackrock	7
Bradesco Asset Management	9
BTG Asset	10
Buena Vista	11
Global X	12
Investo	13
Itaú Asset	14
Nu Asset	15
Trígono Capital	17
XP Asset	18

Introdução

A Nova Era dos Investimentos no Brasil

Desde o lançamento do primeiro ETF brasileiro, em 2004, o mercado nacional iniciou uma jornada que transformou profundamente a forma como o investidor acessa o mercado de capitais. O que começou como uma proposta simples — permitir que o investidor replicasse o desempenho de um índice de ações com apenas uma cota — tornou-se, em 2025, um ecossistema robusto, globalizado e cada vez mais sofisticado, capaz de atender tanto investidores iniciantes quanto instituições de grande porte.

Nos primeiros anos, poucos imaginavam que aquele produto inovador — que reunia, em uma única cota, dezenas das maiores empresas do país — seria o ponto de partida para uma revolução silenciosa. A combinação de educação financeira, digitalização do mercado e avanço das plataformas de investimento impulsionou a adoção dos ETFs e consolidou o conceito de diversificação inteligente. O crescimento do home broker, a entrada de gestoras internacionais e o amadurecimento regulatório brasileiro criaram as bases para o ciclo que vivemos hoje.

Em 2025, os ETFs representam um símbolo de maturidade e integração global do mercado de capitais. São quase 500 produtos disponíveis, entre listados na B3 e no exterior, que cobrem desde o Ibovespa até índices de crédito privado, inovação tecnológica, commodities e até criptoativos. Neste ano, o setor registrou marcos históricos:

- o primeiro ETF híbrido, combinando renda fixa e variável;
- o primeiro modelo de cogestão em ETFs;
- o ETF Connect, programa pioneiro que conecta a B3 às bolsas de Xangai e Shenzhen, permitindo listagens recíprocas;
- e o primeiro ETF brasileiro baseado em contratos futuros de Bitcoin.

Além disso, vimos o fortalecimento dos ETFs de crédito privado, que consolidaram essa classe de ativo dentro da estrutura da B3 — um passo decisivo rumo à sofisticação da indústria.

Esses avanços mostram que o Brasil deixou de ser apenas um espectador e passou a ser protagonista na inovação e internacionalização do mercado de ETFs, atingindo a marca de 800 mil investidores. Os produtos evoluíram de simples replicadores de índices para estruturas inteligentes e temáticas, desenhadas para capturar tendências de longo prazo e integrar portfólios globais com eficiência e transparência.

Os próximos anos devem consolidar:

- a integração total de ETFs internacionais na B3;
- a expansão dos ETFs de crédito e híbridos;
- e o crescimento de produtos baseados em fatores e teses globais.

Se a última década foi marcada pela democratização, a próxima será a da sofisticação acessível — e os ETFs serão a espinha dorsal dessa nova fase do mercado de capitais brasileiro.

B3 | Anuário de ETFs 2025

Visão mercado

O que o mercado está falando



Bruno Paolinelli

Bruno Paolinelli é influenciador e especialista em investimentos, colunista e criador do Resumo do Mercado de Hoje, onde comenta os principais destaques do mercado financeiro.

Avaliar um novo investimento, pra mim, começa com uma pergunta simples: qual problema ele resolve na minha carteira?

Durante anos, eu passava horas lendo balanços, analisando empresas uma a uma, buscando entender cada detalhe dos resultados e precificações de ativos, seja renda fixa ou variável. E eu adorava fazer isso, não vou negar. O tempo passava voando.

Mas conforme meu trabalho foi ganhando escala, o “Resumo do Mercado de Hoje” foi demandando mais dedicação, as viagens foram aumentando e a produção de conteúdo ficou mais intensa, o tempo começou a ficar escasso. Quando me dei conta, estava três trimestres atrasados em teleconferências de resultados, não acompanhava mais o dia a dia do mercado e nem sequer sabia o que acontecia com meus próprios investimentos. Foi aí que percebi que precisava mudar de estratégia.

Cheguei assim até os ETFs, que entregam, em um único ativo, aquilo que eu levava semanas pra montar. Diversificação, simplicidade e disciplina: três fatores que encaixaram perfeitamente no meu novo momento de vida, em que meu tempo passou a ser o recurso mais escasso. O que antes era uma limitação virou critério de eficiência: investir bem não era mais sobre acompanhar tudo no detalhe, mas sobre escolher o que realmente faz diferença. Sem se expor a ativos específicos, com uma carteira muito mais enxuta, e foco total agora apenas no trabalho e em crescer os aportes.

E tenho visto um comportamento semelhante dos investidores que me acompanham no dia a dia. Percebi que meu público, formado em boa parte por pessoas que já têm alguma experiência com investimentos, amadureceu muito nesse sentido. Há alguns anos, a dúvida era “Bruno, vale a pena investir em ETF?”. Hoje, a pergunta é “Qual ETF faz sentido pra mim?”.

Isso mostra uma evolução clara no comportamento do investidor brasileiro, que passou a enxergar os ETFs como base de uma carteira, e não apenas como uma moda de mercado. No fim, é simples: investir em ETF é investir em disciplina. E é exatamente isso que o mercado brasileiro mais precisa aprender a valorizar

Blackrock

Smart Beta: A Nova Geração dos Investimentos em ETFs

Durante décadas, o mercado financeiro foi dominado por duas grandes escolas: a gestão passiva, que busca replicar índices tradicionais como o Ibovespa ou o S&P 500, e a gestão ativa, na qual gestores selecionam ações com base em análises e intuições para tentar gerar retornos acima do mercado. Mas o jogo evoluiu. No meio desse espectro nasceu uma terceira via — o Smart Beta — que combina o melhor dos dois mundos: a eficiência e transparência dos ETFs tradicionais com a inteligência sistemática da gestão ativa.

Democratização dos fatores

O conceito de fatores começou a ser estudado nos anos 1970 e 1980, descobriram que o retorno dos ativos não era explicado apenas pelo risco de mercado. Identificaram outros “motores” de performance — como o tamanho (small caps) e o valor (ações baratas em relação aos fundamentos). Esses estudos inauguraram o que hoje conhecemos como investimento em fatores (factor investing), base do Smart Beta. Por décadas, o acesso a essas estratégias era privilégio de investidores institucionais, implementadas por gestores ativos com custos mais altos e pouca transparência.

A virada veio com o avanço da tecnologia e a evolução dos provedores de índices, que começaram a criar metodologias claras, quantitativas e replicáveis para capturar esses fatores. Foi assim que surgiram os ETFs Smart Beta, que tornaram acessíveis estratégias antes exclusivas a grandes investidores.

O que faz um ETF ser “Smart”

Enquanto um ETF tradicional replica um índice ponderado por capitalização de mercado, o ETF Smart Beta reorganiza e filtra os ativos com base em critérios quantitativos que buscam melhorar o retorno ajustado ao risco. Esses critérios se baseiam em fatores comprovadamente robustos, como:

- Valor: comprar ações subprecificadas e vender as caras — a clássica lógica de “comprar na baixa e vender na alta”.
- Qualidade: priorizar empresas lucrativas, com balanços saudáveis e baixa alavancagem.
- Tamanho: dar mais espaço a empresas menores, que tendem a oferecer prêmio de risco adicional.
- Momentum: capturar o efeito de continuidade de retornos, ou seja, ações vencedoras que continuam performando bem.

A BlackRock, por exemplo, com mais de 35 anos de experiência em factor investing, adota uma estrutura rigorosa para avaliar a robustez de cada fator, considerando racionalidade econômica, evidência empírica, diversificação e eficiência na implementação.

A chegada ao Brasil e o novo ciclo dos ETFs

No Brasil, o avanço dos ETFs Smart Beta representa uma resposta à concentração dos índices locais. O Ibovespa, por exemplo, ainda tem forte peso em setores como financeiro, energia e commodities, além de uma alta concentração nas dez maiores empresas. Para trazer outras opções com mais representatividade e equilíbrio, surgiram índices alternativos — como o B3 BR+, que inclui ações brasileiras listadas no exterior e pode ser ponderado de forma igualitária ou limitada por peso máximo. Isso reduz a concentração e melhora a exposição à “economia real” do país.

Além disso, as empresas listadas fora do Brasil, ampliam a diversificação e trazem baixa correlação com os índices locais — um movimento que reforça o potencial dos Smart Beta como uma alternativa de ferramenta de construção de portfólios.

O futuro é Smart

Os ETFs Smart Beta estão redefinindo o que significa investir de forma estratégica. Eles unem tecnologia, transparência e escala, democratizando o acesso a estratégias sofisticadas de investimento. Num mundo onde dados e eficiência são o novo alfa, investir em Smart Beta é apostar na próxima geração da gestão — mais científica, acessível e smart.

Bradesco Asset Management

Acesso a mercados internacionais via ETFs

Investir em mercados internacionais é uma estratégia cada vez mais relevante para quem busca diversificação, proteção contra riscos locais e acesso a oportunidades globais. No Brasil, essa possibilidade se tornou mais simples com os ETFs, que permitem exposição a índices estrangeiros sem necessariamente enviar recursos ao exterior. Por meio da B3, já é possível negociar ETFs e BDRs que replicam índices globais, ampliando horizontes para investidores brasileiros, sem a necessidade de lidar com complexidades cambiais e tributárias.

O mercado global de ETFs encerrou 2024 com US\$ 14,85 trilhões em ativos, um crescimento de 27,6% em relação a 2023, e registrou US\$ 1,88 trilhão em captações líquidas, um recorde histórico para a indústria. Esse avanço reflete a preferência por produtos de baixo custo, liquidez e transparência, características que consolidaram os ETFs como instrumentos centrais para investidores globais.

Um passo decisivo para ampliar o acesso internacional foi o lançamento do ETF Connect Brasil-China, em maio de 2025. O programa permite a listagem recíproca de ETFs entre a B3 e as bolsas de Xangai e Shenzhen, tornando o Brasil o primeiro país fora da Ásia a aderir a esse modelo. Os primeiros produtos listados foram os ETFs PKIN11 (CSI 300) e TECX11 (ChiNext), que oferecem exposição às maiores empresas chinesas e ao setor de tecnologia, respectivamente. Para os investidores chineses, ETFs baseados no Ibovespa também estarão disponíveis.

A relevância do ETF Connect é estratégica: além de facilitar a diversificação geográfica, conecta o Brasil a um mercado chinês que movimenta mais de US\$ 400 bilhões em ETFs, criando oportunidades para atrair capital estrangeiro e posicionar o país como um hub financeiro na América Latina.

Se o Brasil seguir a trajetória dos mercados globais, os ETFs têm tudo para se tornar a principal porta de acesso ao mundo. Eles não são apenas instrumentos financeiros; representam uma mudança de paradigma, democratizando investimentos internacionais com simplicidade, eficiência e custos reduzidos. Iniciativas como o ETF Connect reforçam essa visão: aproximam economias, ampliam horizontes e posicionam o Brasil como protagonista na integração financeira global. O futuro aponta para carteiras cada vez mais globais — e os ETFs serão o caminho mais direto para chegar lá.

BTG Asset

DEBB11 e MARG11: A Consolidação do Crédito Privado nos ETFs da B3

O mercado brasileiro de Exchange Traded Funds (ETFs) vive um novo e importante capítulo. Após democratizar o acesso às principais classes de ativos, observa-se agora a inserção crescente do crédito privado nessa estrutura eficiente, líquida e transparente. Há três anos, foi lançado o DEBB11, o primeiro ETF de crédito privado do país.

O produto foi concebido para aproveitar dois fatores-chave: as taxas de juros elevadas atreladas ao CDI e o prêmio de risco das debêntures corporativas. Composto por empresas sólidas e de boa qualidade de crédito, o fundo introduziu eficiência, diversificação e uma metodologia inovadora para o investimento em crédito.

O principal desafio inicial foi a liquidez. Entretanto, por meio de uma metodologia rigorosa, que exige emissões acima de R\$ 300 milhões, volume mínimo de negociação e presença frequente em pregão, o produto superou esse obstáculo e se consolidou como uma alternativa segura e flexível para exposição ampla ao mercado de crédito brasileiro. Em 2025, o lançamento do MARG11 ampliou ainda mais esse movimento. Trata-se do primeiro ETF de debêntures aceito como garantia na B3, voltado ao público institucional e composto por títulos de ultra qualidade, com rating AAA e remuneração vinculada ao CDI. Este marco representa a consolidação do crédito privado dentro da estrutura dos ETFs, com produtos que combinam segurança, liquidez e eficiência operacional.

Com o DEBB11 e o MARG11, a BTG Pactual Asset Management se consolida como a maior gestora de ETFs de crédito privado do Brasil. A união entre inovação, liquidez e governança inaugura uma nova geração de produtos que aproxima o investidor do mercado de crédito corporativo nacional, reforçando o papel do BTG Pactual como protagonista na evolução do mercado financeiro brasileiro.

Buena Vista

A Evolução dos ETFs de Cripto: Do Acesso ao Investidor Institucional à Nova Geração de Soluções no Brasil

Nos últimos anos, os criptoativos deixaram de ser uma curiosidade tecnológica para se tornarem uma classe de ativos global, presente em carteiras de investidores individuais e, cada vez mais, em mandatos institucionais. Nesse processo de amadurecimento, os ETFs de cripto desempenharam um papel fundamental ao transformar um mercado descentralizado, fragmentado e de difícil custódia em um veículo padronizado, acessível, regulado e seguro.

Curiosamente, ao contrário do que ocorreu com ações, renda fixa e commodities, a indústria global observou um fenômeno inédito: no mundo cripto, o ETF não nasceu para democratizar o acesso da pessoa física porque este já estava lá. A verdadeira revolução foi permitir que investidores institucionais, restritos por mandatos, regras internas ou limitações operacionais, finalmente pudessem investir em cripto de maneira regulada e conforme suas políticas de compliance.

A aprovação dos primeiros ETFs de Bitcoin spot nos Estados Unidos em 2024 acelerou esse movimento. Em poucos meses, esses produtos atingiram dezenas de bilhões de dólares em AUM, consolidando uma tese clara: cripto é uma classe de ativos que veio para ficar e o ETF é o veículo institucional por excelência para capturar sua evolução.

O Brasil tem se destacado como um dos mercados mais inovadores nesse campo. Já contamos com produtos que seguem índices de criptoativos amplos, temáticos, single-asset e soluções combinadas, sempre mantendo o rigor regulatório e operacional da B3.

Três movimentos se destacam nesse cenário: o crescimento da demanda institucional por exposição regulada a cripto; a sofisticação das estratégias, que deixaram de focar apenas em Bitcoin e passaram a abranger modelos híbridos e multifatoriais; e a evolução dos mecanismos de retorno, com o surgimento de fundos *total return*, estratégias com hedge e até produtos que pagam dividendos.

Na Buena Vista Capital, acreditamos que cripto não deve ser tratado como um nicho, mas como uma classe de ativos acessível, diversificada e alinhada às boas práticas do mercado financeiro tradicional. Essa visão deu origem à nova geração de ETFs cripto listados na B3, representados aqui na casa pelo COIN11 (primeiro ETF de Bitcoin com proventos mensais) e GBTC11 (primeiro ETF que une o Bitcoin e o ouro ajustados por volatilidade), e muito mais está por vir.

Global X

ETFs Globais: Tendências e Teses de Longo Prazo

Os avanços tecnológicos, impulsionados pela força da Inteligência Artificial e por uma economia cada vez mais globalizada, cria um cenário onde o investidor brasileiro não pode se dar ao luxo de se abster de investimentos internacionais, sejam eles diretos ou indiretos. Ainda que movimentos em sentido contrário obriguem o investidor a recalcular a rota da sua carteira, os ETFs Globais, disponíveis para negociação na B3, proporcionam ao investidor brasileiro o acesso de forma simples e eficiente ao mercado de capitais de diferentes países, setores e classes de ativos, sem a necessidade de abrir conta no exterior, servindo tanto como veículo para estimular rendimento, quanto para gestão de riscos e concentração.

Combinando inovação, acessibilidade e alcance global, a Global X ETFs tem como propósito ampliar o acesso dos investidores brasileiros às grandes tendências globais, setores inovadores e ativos estratégicos. Temas antes considerados de nicho, como blockchain, IA, data centers, baterias, robótica e energia nuclear, tornam-se instrumentos estratégicos de diversificação e posicionamento em tendências que moldarão o futuro.

Entre os destaques disponíveis para negociação na B3, o BKCH39 captura o potencial da tecnologia blockchain, essencial para o funcionamento do mercado de criptomoedas, que vem transformando a forma de registrar e transferir valor por meio da tokenização de ativos, finanças descentralizadas e pagamentos digitais. Em paralelo, BAIQ39 oferece exposição à inteligência artificial, acelerando a produtividade global e redefinindo cadeias produtivas em setores como saúde, indústria e serviços financeiros. Em linha com o aumento da adoção da IA, o DTCR39 conecta investidores à expansão da infraestrutura digital, impulsionada pelo crescimento de data centers, pela migração para a nuvem e pela crescente demanda por segurança cibernética.

O setor de transição energética é representado pelo BLBT39, que reflete a importância crescente do lítio e das baterias para a mobilidade elétrica e o armazenamento de energia, e pelo BURA39, que oferece exposição ao ciclo do urânio e à energia nuclear, uma fonte limpa, estável e estratégica, cujo papel será cada vez mais relevante com a evolução de novas tecnologias. Complementando essas tendências, o BOTZ39 investe em robótica e automação, setores que aumentam a eficiência industrial e transformam cadeias logísticas em escala global.

Investo

A consolidação dos ETFs de Renda Fixa no Brasil

O Brasil sempre foi o país da renda fixa. Ao longo das últimas décadas, os ciclos econômicos e fiscais trouxeram recorrentes desafios macroeconômicos, e as taxas de juros em patamares de dois dígitos consolidaram o apetite do investidor local por ativos atrelados à Selic e à inflação. Essa característica estrutural, somada a um nível ainda baixo de educação financeira, mantém a renda fixa como o principal destino dos recursos dos brasileiros.

Nos últimos anos, contudo, observa-se uma transformação importante na forma como esses investimentos são acessados. O mercado de ETFs de renda fixa, que representa cerca de 24% do total da indústria, vem ganhando espaço e oferecendo ao investidor uma alternativa eficiente para acessar a mesma classe de ativos com liquidez, baixo custo e eficiência fiscal. O avanço desse segmento é expressivo em relação ao observado no ano anterior e reflete uma consolidação gradual dessa modalidade e se alinha de maneira mais adequada ao perfil típico do investidor brasileiro.

Entre os destaques do período está o LFTB11, ETF que investe majoritariamente em títulos públicos indexados à Selic, com uma pequena parcela em NTN-B longa. Em menos de um ano, o fundo superou R\$1 bilhão em patrimônio e se tornou o maior ETF da Investo, evidenciando o crescente interesse por produtos que unem simplicidade operacional e exposição direta à renda fixa soberana.

Além do mercado local, a Investo foi pioneira ao lançar no Brasil ETFs de renda fixa internacional, como o USDB11 e o BNDX11, que permitem diversificação geográfica e cambial em títulos de renda fixa dos Estados Unidos e de mercados desenvolvidos. Com aceitação positiva, a gestora pretende ampliar esse portfólio em 2026, reforçando o compromisso de democratizar o acesso à renda fixa no Brasil e no exterior.

Itaú Asset

Simplicidade não é atalho, é estratégia.

Vivemos num mundo em que tudo chega em poucos toques — da passagem aérea ao lanche da tarde. Essa lógica já transformou os investimentos, sobretudo a experiência de investir. Mas a jornada começa antes do botão “comprar”: entender o perfil, definir objetivos, construir a alocação. Nessa etapa, velocidade cede lugar à profundidade.

Para conciliar um mundo mais rápido com soluções complexas, os ETFs híbridos entram em cena. Eles combinam classes de ativos diferentes numa única cota, criando carteiras diversificadas que aproximam o que é importante para o investidor do que efetivamente funciona no dia a dia.

Em 2025, a Itaú Asset lançou o GOAT11, primeiro ETF híbrido do mercado local, que investe em renda fixa brasileira e ações internacionais. Diversificar não é novidade. O desafio é permanecer investido quando alguma parte do portfólio está no negativo. Essa aversão natural pode corroer o patrimônio no longo prazo — especialmente quando se compra na alta e se vende na baixa.

A beleza de um ETF com alocação balanceada é oferecer, em uma única exposição, proteções naturais que amortecem quedas e ajudam o investidor a manter o curso. Em vez de administrar várias linhas e emoções distintas, o investidor acessa uma solução pensada para reduzir ruídos e disciplinar a trajetória.

A Itaú Asset inaugurou recentemente esse mercado no Brasil. Lá fora, essas soluções existem há mais tempo — e a diversidade impressiona. Há ETFs desenhados para diferentes perfis, objetivos gerais ou bastante específicos, e inúmeras combinações de riscos e retornos. Como não existe uma única solução que sirva para todos, a variedade é essencial — e tende a ganhar espaço por aqui.

O segredo está nessa dupla dinâmica: complexidade na carteira e simplicidade na experiência. Por dentro, portfólios diversificados, de baixo custo, com alta liquidez e alinhados aos desafios comportamentais do investidor. Por fora, a praticidade de investir em uma única cota. Menos cliques e mais estratégia.

Nu Asset

NBIT11: O Primeiro ETF do Contrato Futuro de Bitcoin

Em 2008, em meio à grande crise financeira e em busca de alternativas ao sistema financeiro tradicional, uma nova forma de moeda foi proposta: o Bitcoin. A frustração com o sistema financeiro corrente derivava em grande parte dos eventos ocorridos ao longo da crise, com quebra de bancos e instabilidade do sistema.

A solução proposta foi descrita por Satoshi no paper Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System. No Bitcoin, o livro-razão tradicional dos bancos é substituído por um sistema distribuído: milhares de computadores (nodes) rodam um software aberto e verificam se as regras definidas no protocolo foram atendidas em cada conjunto novo de transações. A validação acontece por meio de uma “loteria econômica” chamada Prova de Trabalho, em que mineradores competem para processar transações e são recompensados com novos bitcoins. Esse arranjo dá ao Bitcoin uma natureza singular — não apenas como meio de troca potencial, mas como ativo financeiro com propriedades próprias de risco e retorno. Para o investidor, isso significa, sobretudo, uma nova dimensão de diversificação. Simulações de portfólios mostram que alocações marginais — na ordem de 1% a 2% — podem, ao longo do tempo, melhorar a relação risco-retorno do conjunto, elevando o índice de Sharpe sem necessariamente aumentar a probabilidade de perdas extremas do portfólio agregado. A contribuição vem do caráter parcialmente descorrelacionado do ativo e de ciclos próprios de adoção e liquidez.

À medida que o mercado amadureceu, observou-se também uma tendência de queda na volatilidade de longo prazo do Bitcoin, reflexo do aumento de profundidade de mercado, infraestrutura mais robusta e entrada consistente de capital institucional. Isso não elimina a natureza cíclica e ainda volátil do ativo, mas torna sua inclusão tática ou estratégica mais discutível dentro de um processo formal de asset allocation e rebalanceamento — disciplina que, na prática, captura ganhos de diversificação e contém riscos comportamentais.

É nesse contexto que surge o NBIT11, da Nu Asset: o primeiro ETF brasileiro a oferecer exposição ao Bitcoin por meio de contratos futuros negociados na B3. Ao contrário de estruturas que mantêm o ativo físico em custódia, o NBIT11 obtém a variação de preço do Bitcoin via derivativos padronizados e aloca 100% do patrimônio em títulos públicos federais de alta liquidez como colateral. A arquitetura tem duas consequências importantes. Primeiro, elimina o risco operacional de guarda e perda de chaves, além dos custos e complexidades de custódia direta. Segundo, mantém a aderência econômica ao preço do Bitcoin por meio da marcação a mercado dos contratos, dentro da infraestrutura e governança da B3.

A combinação entre colateral de baixo risco e exposição via derivativos confere ao NBIT11 um equilíbrio entre segurança, eficiência e simplicidade operacional. O produto opera dentro de um ambiente regulado, com governança robusta e infraestrutura da B3, o que facilita sua utilização em carteiras institucionais e de varejo. Dessa forma, o NBIT11 se posiciona como uma alternativa acessível e bem estruturada no mercado de Bitcoin sem lidar diretamente com os riscos e complexidades da custódia.

Trígono Capital

Estratégia com Micro Caps por meio de ETFs

As micro caps — empresas de menor capitalização listadas na B3 — representam o segmento com maior potencial de crescimento do mercado de ações brasileiro. No entanto, o acesso direto a esses papéis costuma ser limitado por desafios de liquidez, concentração e custos operacionais.

A utilização de ETFs (Exchange Traded Funds) surge como uma forma eficiente e estruturada de acessar esse universo, permitindo ao investidor exposição diversificada a empresas emergentes com fundamentos sólidos, dentro de um veículo transparente, líquido e regulado.

Uma das estratégias mais consistentes nessa categoria é a replicação de índices especializados em micro caps, como o Índice Teva Ações Micro Caps (IMCAP), desenvolvido e administrado pela Teva Índices. Esse índice reflete o retorno total de preços e proventos de uma carteira teórica composta pelas menores empresas listadas na B3 — aquelas que representam até 5% da capitalização total do mercado — e segue critérios rigorosos de elegibilidade, liquidez e governança.

O IMCAP considera apenas ações e units com volume médio negociado mensal acima de R\$ 50 milhões, capitalização superior a R\$ 300 milhões e free float mínimo de 20%, excluindo companhias de setores sensíveis ou com ressalvas contábeis e fragilidade financeira. Esses critérios asseguram um portfólio de alta qualidade, diversificado e alinhado a princípios ESG.

A metodologia do índice busca diversificação setorial ampla, incluindo empresas de serviços, indústria, comércio e infraestrutura, com limite máximo de 20% por emissor. O rebalanceamento trimestral — realizado em janeiro, abril, julho e outubro — mantém a carteira atualizada e garante representatividade, reduzindo custos de giro e otimizando a replicabilidade.

Entre as gestoras que utilizam essa abordagem está a Trígono Capital, responsável pela gestão do TRIG11, um ETF “puro-sangue” de small e micro caps que tem como referência o IMCAP. A estratégia reflete a filosofia da casa de investir em empresas brasileiras com fundamentos sólidos, governança robusta e elevado potencial de crescimento, aplicando um modelo disciplinado e transparente de gestão.

Dessa forma, as estratégias com micro caps por meio de ETFs consolidam-se como um instrumento moderno e acessível, que democratiza o investimento em empresas emergentes brasileiras com disciplina, governança e eficiência, ampliando o alcance do investidor ao segmento mais dinâmico do mercado de capitais.

XP Asset

GOLD11: Diversificação e Valorização no Longo Prazo

O ouro sempre foi sinônimo de valor. Desde a Antiguidade, é utilizado na cunhagem de moedas, prática que ainda persiste em edições comemorativas. Com o fim do padrão-ouro, o metal deixou de servir como lastro para moedas e passou a ser negociado como uma commodity. No entanto, diferentemente de outras, o ouro manteve seu status de reserva de valor, com demanda constante tanto para aplicações industriais e joalheria, quanto para investimentos.

No mercado financeiro, o primeiro ETF de ouro surgiu na Austrália em 2003. No ano seguinte, os Estados Unidos lançaram seu primeiro ETF atrelado a esse metal, que ultrapassou US\$1 bilhão em patrimônio em apenas três dias de negociação.

No Brasil, o investimento em ouro via Bolsa existia por meio de contratos futuros e à vista. Em 2020, a XP Asset Management lançou o Trend ETF LBMA Ouro (GOLD11), tornando o acesso ao metal mais simples e acessível. Com a descontinuação dos contratos de ouro em fevereiro de 2024, o GOLD11 se consolidou como o principal instrumento de exposição ao ouro na B3.

Em seus cinco anos de existência, o GOLD11, que é indiretamente lastreado em ouro físico, mais que dobrou de valor, saindo de R\$10 para mais de R\$22, superando o CDI no período. O ouro e, por consequência o ETF, atua como proteção patrimonial, sendo um importante instrumento de diversificação de portfólios, graças à sua baixa correlação com ativos de risco e à tendência de valorização em cenários de inflação e incerteza.

Com quase R\$3 bilhões em patrimônio e cerca de R\$50 milhões negociados diariamente, o GOLD11 é hoje um dos maiores e mais líquidos ETFs do Brasil. Trata-se de uma alternativa prática, acessível e eficiente para quem busca exposição ao ouro, um ativo essencial tanto para investidores profissionais, quanto para o público de varejo.

Seu ticket relativamente baixo e facilidade operacional conseguiram democratizar o acesso a esse ativo que é sinônimo de valor e exclusividade.



BlackRock

